



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS
PROJETO SEGUNDO TEMPO**

Siomara Aparecida Silva

(depoimento)

ANO

CEME-ESEF-UFRGS

Projeto: Garimpendo Memórias - Segundo Tempo

Número da entrevista: E-203

Entrevistados: Siomara Aparecida Silva

Nascimento: 06/08/1970

Local da entrevista: Quality Suítes Congonhas – São Paulo/SP

Entrevistador: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Data da entrevista: 09/12/2010

Transcrição: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Conferência Fidelidade: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Copidesque: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Pesquisa: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Fitas: Gravador digital

Total de gravação: 24 minutos e 36 segundos

Páginas Digitadas: 10

Catálogo: Ivone Job

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

SILVA, Siomara Aparecida. *Siomara Silva (depoimento, 2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.

Sumário

Início do envolvimento com o Programa Segundo Tempo (membro da Equipe Colaboradora 12); processo de capacitação; produção do texto para o primeiro livro de fundamentação teórica; participação na equipe colaboradora 12; reescrita do texto para o segundo livro de fundamentação teórica”; capacitação tele presencial; cargos que desempenha; visitação dos núcleos; pontos positivos do Programa; importância do esporte para formação; ligação com a Universidade; importância da prática pedagógica; limites e desafios do Programa; importância das pesquisas na área, da preservação da memória; perspectivas de continuidade do Programa Segundo Tempo.

São Paulo, 09 de dezembro de 2010. Entrevista com Siomara Silva, a cargo do entrevistador Marco de Carvalho para o projeto Memória do Segundo Tempo.

M.C. – Começo perguntando, quando e como iniciou o teu envolvimento com o Programa Segundo Tempo?

S.S. – A minha participação do Programa Segundo Tempo se dá desde o início do próprio Programa, antes mesmo desta estrutura que existe hoje. Eu era mestranda da Universidade de Minas Gerais¹, em Belo Horizonte, quando eu fui convidada para coordenar a capacitação do Programa Segundo Tempo que aconteceria em Minas Gerais. A capacitação daquele modelo anteriormente era uma capacitação num nível de especialização para os professores e uma capacitação num nível extensão para os monitores, onde então estava começando a ter a inserção dos professores dentro dos núcleos do Programa Segundo Tempo, sem essa estrutura atual, dos dias de hoje. Ali eu me envolvi com esse processo e continuei nesse processo coordenando. Como a capacitação no nível de especialização era à distância e eu não conhecia o processo, não tinha acesso ao processo e muito do que eu sabia não acreditava muito na viabilidade dele na Educação Física, eu me inscrevi também na especialização. Era uma possibilidade que se tinha de fazer a capacitação à distância junto ao CEAD (Centro de Ensino a Distância) da Universidade Nacional de Brasília (UNB). Ali eu entrei nessa instância e coordenei todo o processo de capacitação em Minas Gerais junto ao estado e a prefeitura, que eram os dois grandes convênios que existiam naquela época. Num segundo momento desse processo, findando esse processo, já no término dessa primeira gestão do PST, eu defendi a especialização, defendi a minha monografia de especialização, e continuamente eu orientei alguns trabalhos também já no Rio Grande do Sul quando eu estava fazendo o doutorado. Então, alguns alunos do Rio Grande do Sul precisavam de orientação a distância. Compus algumas bancas também na defesa dos TCC's² desse nível de especialização. Logo depois, como doutoranda da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na ESEF³, já junto com essa equipe que vem hoje nesse processo pedagógico com o professor Amauri⁴, eu fui convidada junto com o

¹ Universidade Federal de Minas Gerais.

² Trabalho de Conclusão de Curso.

³ Escola de Educação Física da UFRGS.

⁴ Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira. Coordenador pedagógico do Programa Segundo Tempo.

professor Pablo Greco⁵ a compor a equipe que iria fazer uma nova proposta, não para contrapor, mas sim vê qual seria a melhor proposta entre a que havia do Instituto Ayrton Senna e essa que seria então a que vigora até hoje. Nós fizemos uma capacitação para alguns coordenadores de núcleos do Rio Grande do Sul em Gramado, onde eu fui apresentando um termo de crescimento de desenvolvimento junto com o professor Ricardo Petersen⁶, que era o meu orientador na época, e junto com o professor Pablo Greco a proposta que hoje vigora na organização dos esportes no Programa Segundo Tempo. Dali nós escrevemos então o chamado e conhecido, livro de “Capa Verde”⁷, e para isso nós participamos de uma capacitação também. Escrevemos esse capítulo, daí já escrevi com o professor Pablo Greco. Fizemos uma capacitação em janeiro ou fevereiro de 2008, bem no início de um ano. Depois começaram as capacitações nas cidades, nos estados e assim por diante. Aí foram várias capacitações que fizemos. Eu viajei pelo Brasil inteiro...

M.C. – Tu participaste de todas as capacitações?

S.S. – Do Programa Segundo Tempo coordenado pelo Ministério, sim e depois essas equipes foram distribuídas porque várias pessoas foram convidadas a compor o que eles chamaram de formadores, que foram alguns professores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e alguns professores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E meio que parceiro por causa do capítulo e do vínculo que tem, alguns professores da Universidade Federal de Minas Gerais. Sem isso estar estabelecido. Eu fui como doutoranda da UFRGS e também escrevendo o capítulo com o Pablo. Nós capacitamos um grupo de professores dessas Universidades que seriam os reprodutores, os formadores ao longo de um longo processo presencial de capacitação. Ajudei a escrever o capítulo, fizemos as capacitação dos professores que hoje são muito dos membros das equipes colaboradoras e também coordenadores das equipes, fui em muitas capacitações e isso aconteceu até meados do segundo semestre de 2008. Eu voltei para Minas Gerais assumindo então o cargo que hoje eu ocupo de professora do Departamento de Educação

⁵ Pablo Juan Greco. Assessor Pedagógico do Programa Segundo Tempo. Universidade Federal de Minas Gerais.

⁶ Ricardo Demétrio de Souza Petersen. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁷ Material Didático para o Processo de Capacitação do Programa Segundo Tempo. Impresso pela Gráfica da UFRGS em 2008.

Física, no CEDUFOP⁸ na UFOP⁹, e por lá, na continuidade disso, foi nos dado o desafio de escrever o capítulo de uma maneira um pouco mais acessível as pessoas a qual o objetivo era chegar. Fazer com que esse capítulo chegasse a essas pessoas. E junto com isso, em julho de 2008, eu fui convidada a coordenar uma das equipes colaboradoras, que hoje é a equipe 12, e fomos então em um encontro que foi em Natal – acho que foi o primeiro encontro que teve quando iniciou o processo das equipes colaboradoras -. Nesse encontro, o professor Pablo que era quem estava comigo na coordenação da equipe não pôde ir, mas a Layla¹⁰ foi. Depois o professor Pablo saiu da coordenação da equipe colaboradora e a professora Layla assumiu junto comigo a coordenação da equipe 12. Antes disso, na sequência do processo, no final de 2008 nós fomos desafiados a reescrever esse capítulo e novamente fazer uma nova capacitação, uma discussão que foi de novo em Maringá com os coordenadores das equipes e os outros professores que estavam escrevendo os outros capítulos. Então, nós reescrevemos o que é hoje o capítulo do “Capa Branca”¹¹. Reescrevemos com esse desafio de não perder o teor técnico e científico que existe em todos os capítulos, mas tornando uma fala mais acessível. Fomos a Maringá para fazer essa discussão sobre esses capítulos e depois começamos em Minas Gerais – eu continuando na coordenação da equipe colaboradora já junto com a professora Layla – a trabalhar com o que seria a capacitação, num piloto dela telepresencial. E foi um grande desafio, porque é tentar tornar viável o acesso a informação prática de maneira virtual.

M.C. – Vocês fizeram uma videoconferência?

S.S. – Não chegou a ser uma videoconferência especificamente. Foi um processo diferenciado que, na minha análise, daria certo se tivesse tido uma organização dentro da escola satélite na mesma altura que existe dentro da FAURGS¹² junto com o pessoal da Selda¹³, se tivesse o mesmo teor de organização, o mesmo critério, o mesmo cuidado, zelo com essa organização logística, administrativa, a coisa teria dado certo e poderia estar sendo aplicada hoje com muito mais fidedignidade, mais furor pedagógico mesmo dentro

⁸ Centro Desportivo da Universidade Federal de Ouro Preto.

⁹ Universidade Federal de Ouro Preto.

¹⁰ Layla Aburachid Campo, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais.

¹¹ Fundamentos Pedagógicos do Programa Segundo Tempo: da reflexão à prática. Organizado por Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira e Gianna Lepre Perim. Publicado pela Editora da UEM em 2010.

¹² Fundação de Apoio a UFRGS.

dos outros estados. Para então tornar viável essa telepresencial o professor Pablo e eu fizemos “n” horas de filmagens. Tu não tens noção do que são “n” horas de filmagem. Nós fomos *vários* dias em vários momentos filmar as atividades que nós fazemos na prática dentro daquilo que nós estabelecemos como a organização dos esportes no nosso capítulo. Foram dias e dias de filmagens. Depois foram dias e dias de ilha de gravação e tudo mais para editar essas imagens como um conteúdo teórico. Quer dizer, é dar nome aos bois: “Esse vídeo você corta aqui, corta a colá”... “Esse vídeo é para isso”. Então, foram “n” horas também para isso, mas ficou um trabalho muito bom e um trabalho que foi apresentado nessa telepresencial no final do ano. E de lá para cá eu vim atuando sempre nas duas instâncias do Programa: como formadora, quem escreve um capítulo junto com o professor Pablo, como coordenadora da equipe colaboradora 12 e no final do ano de 2008 foi aberto – já estando na UFOP – o edital para os pilotos das Equipes Colaboradoras e/ou IFES. Eu fiz os dois projetos da UFOP, do padrão com crianças dos 7 anos 17 anos e o projeto universitário. Entrei com os dois projetos. É um trâmite louco, absurdo, é um trabalho administrativo de cortar o couro, mas muito bem assessorado pela equipe que compõe o CEDUFOP e pela equipe administrativa da Reitoria da UFOP. Nós conseguimos os dois convênios na UFOP. Eu não consigo coordenar os dois convênios e continuar na equipe colaboradora e também continuar escrevendo aquilo que era proposto. Então, eu fiquei com a coordenação daquilo que mais me interessa que é o padrão, com crianças de 7 a 17 anos, e o professor Heber¹⁴, que naquele momento também era um membro da equipe colaboradora, ficou com a coordenação do universitário. Hoje, até o presente momento, eu ocupo, segundo minha própria visão, três instâncias dentro desse maravilhoso e significativo processo do PST para a Educação Física e o ensino dos esportes como um todo: eu sou coordenadora do projeto piloto e colaboro com a coordenação de dois projetos na UFOP, sou coordenadora da equipe colaboradora 12 e sou um dos autores de um dos capítulos o qual continuo estudando o mesmo conteúdo que possui aquele capítulo. A minha entrada como coordenadora, como coordenadora de um Programa mudou e acrescentou uma visão real do que é o Programa Segundo Tempo, do que está na ponta dele, e que faz um “feedback” perfeito, maravilhoso. Se hoje eu tiver que reescrever o capítulo, eu reescreveria de uma maneira diferente. Eu faria de uma maneira ainda mais acessível a ponta por causa dessa abertura de estar trabalhando com a ponta, de estar no

¹³ Selda Engelman. Consultora do Ministério Público. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁴ Heber Eustáquio de Paula. Universidade Federal de Ouro Preto/MG.

meio, de estar na ponta e não só estar no meio sendo coordenadora, mas também nas visitas *in loco*. Mesmo como coordenadora eu tive o prazer de fazer várias visitas *in loco* junto com a minha equipe, junto com os membros avaliadores da minha equipe para que eu conhecesse a ponta. E por um interesse pedagógico. Eu não tinha obrigação de fazê-las, mas eu fiz porque eu queria conhecer a ponta: “Eu quero ir naquele núcleo que tem problema. Aquele núcleo que aspira problemas, problemas pedagógicos. Eu quero ir lá para poder ver e contribuir”. E consegui fazer isso frente a todas essas outras coisas que eu faço. Eu consegui ir a várias visitas *in loco* na região para eu conseguir ver isso e isso hoje modificou literalmente a minha prática pedagógica como professora universitária do curso de graduação de Educação Física. Hoje eu ensino Educação Física de uma maneira diferente. Modificou a minha prática como pesquisadora da área e modificou a minha prática como coordenadora das duas instâncias das quais eu trabalho no Programa Segundo Tempo. Então, estar nesse tripé é “show de bola”.

M.C. – Então, na verdade, já são os pontos positivos que tu destacas do Programa?

S.S. – Já antecipei a entrevista [risos]?

M.C. – Mas o que tu achas de mais pontos positivos que o Programa tem de forma geral?

S.S. – A própria essência do Programa de democratizar através do esporte, ensinar através do esporte, particularmente para mim, comunga com o porque que eu estou no ensino universitário e porque eu estou no Programa Segundo Tempo. Pessoalmente, sou uma pessoa advinda do esporte, eu vim do esporte, eu nasci no esporte, comecei a minha existência de entender o ser pessoal através do esporte. Então, para mim é uma obrigação devolver isso para o esporte. E a minha maneira de devolver isso para o esporte é tornar acessível o esporte. Então, o Programa Segundo Tempo é para mim isso. Hoje sou uma professora-doutora, depois de ter sido uma atleta de seleção, de ser sido jogadora de várias modalidades, de ter sido praticante de várias modalidades, que continuo fazendo e sou uma pessoa que gosta [riso] e acredito que sou uma pessoa bem quista no meio por causa do esporte. Sou o que sou através do esporte e pelo esporte. Então, nada mais legal e digno de fazer isso. E o Programa Segundo Tempo reza dessa mesma cartilha sem saber da minha existência de vida, sem saber do que o esporte tem de importante para mim. Ele configura,

desenha a minha vida ali nesse cenário. Então, esse cenário para mim é um ponto positivo. Tornar viável a prática do esporte e quem sabe o mesmo caminho ou caminhos melhores ao que eu percorri na vida até então para as pessoas principalmente de baixa renda que é um dos meios, de pouca acessibilidade, que também de onde saí. Eu não sou de família rica e sim de família muito pobre. Tornar isso viável para mim é o principal ponto do Programa. Outro ponto positivo do Programa é estar com isso ligado às Universidades, porque isso para mim não daria certo se não estivesse ligado a mais um dos pilares que, acredito eu ser o pilar do Programa como um todo, ele tem que estar ligado àquilo que vigora no mundo até hoje. Se não é a igreja, é a política ou a Universidade. Não é a igreja. Então, tem que estar na política, que é de onde ele vem, e tem que estar na Universidade. Se ele não estiver ligado a isso, a coisa não vai dar certo, porque não adianta nós, como um pequeno grão dessa parcela toda, desse montante, fazermos o Programa Segundo Tempo, por mais que ele tenha toda essa característica de devolver para o esporte aquilo que veio do esporte, se nós não conseguirmos evoluir para essa prática do esporte. Então, se não houver pesquisas que contribuam com isso, se não houver um fomento de ciência para tal, de que então nós estamos fazendo? Nós estamos fazendo um esporte de hoje, mas que foi de ontem. Então, nós temos que pensar em fazer um esporte de hoje para hoje, porque a via de acesso a outras informações, fontes de movimento até para as crianças hoje, é muito maior do que tínhamos antes na nossa época, por exemplo. Hoje, a criança tem um conjunto de outras coisas, a internet, os meios de comunicação que são super positivos. São os meios tecnológicos. São super positivos para o desenvolvimento integral do ser, mas com isso ele afasta um pouco a criança do movimento. Então, se nós não estivermos trazendo uma prática inovadora, atrativa e compatível com essa competitividade que tem das outras atividades no mercado, nós não estaríamos conseguindo o que se consegue até hoje com esses milhões de pessoas inseridas no Programa. Sejam crianças de baixa renda ou crianças de média renda e por diante. Se não estivermos junto com a pesquisa, nós não conseguiríamos. Outro ponto positivo seria isso.

M.C. – Nós estamos em um evento de fechamento de um ciclo, de avaliação. Dentro dessa perspectiva, o que tu vê de limites e possibilidades que o Programa tem para se qualificar cada vez mais?

S.S. – Alguns limites foram colocados aqui hoje nas exposições anteriores, principalmente, a do Júlio¹⁵ que, para mim é uma pessoa fantástica, e a também do secretário Fábio Hansen¹⁶. Um dos limites mesmo são os travamentos financeiros e orçamentários. Chega o recurso, mas não chega o financeiro. Chega o orçamento, mas não chega o financeiro. A CGU¹⁷ tem hora que trava, mas tem hora que ajuda. Então, são vários os processos. Ganhar isso, no sentido de conseguir vencer esse processo, já é um grande limitador. Um outro fator, que isso pode ser o gerador, é a burocracia que todo um convênio tem que vivenciar para tal. Há muita cobrança do administrativo. Quando eu comecei as minhas ações da equipe colaboradora, eu pensei: “Acho que deveria ter feito administração de empresas e não Educação Física para compreender tudo isso”. Mas aí então, indo a pergunta anterior do ponto positivo, é que nós entendemos a necessidade de um porque de cada uma dessas coisas. A necessidade do administrativo articulado com o pedagógico e, muitas vezes, o que impera ainda é o administrativo. Mas um ponto positivo em cima disso que eu acredito ser, que ainda impera o administrativo, é ouvir e ver que na verdade as equipes colaboradoras conseguiram ver e que hoje foi nítido na fala do Júlio, por exemplo, que o que tem que imperar é o pedagógico. Então, isso para mim, quando ele disse que tinha que imperar o pedagógico, é o que demonstra todo o trabalho que foi desempenhado até então e essa avaliação que estamos aqui. É negativo saber que a política administrativa como um todo, dos ministérios, de tudo isso, não dá ainda a real vazão aquilo que é pedagógico, educacional, para que seja então a educação um dos caminhos para contribuir para a melhora de nosso país como um todo, através do esporte. Então, seriam esses os principais pontos. Em cima disso, nós chegamos na ponta e conseguimos entender que a formação das pessoas que estão lá na ponta, no núcleo mesmo, trabalhando, é muito deficiente. Isso trava muito o processo, porque é burocrático e que depende de uma compreensão mais complexa do todo e a compreensão disso depende dessa organização mental desse conhecimento como um todo. Mas, em contra partida, nos dá um “feedback” muito grande do tipo de profissional que nós estamos formando na Universidade. Se lá na ponta foram profissionais formados por nós das IES (Instituição de Ensino Superior), que profissional que nós estamos colocando no mercado, que torna converter um ponto negativo em ponto

¹⁵ Júlio Cesar Monzú Filgueira. Secretário Nacional de Esporte Educacional do Ministério do Esporte no período de maio de 2007 a outubro de 2009.

¹⁶ Fábio Roberto Hansen. Atual secretário Nacional de Esporte Educacional do Ministério do Esporte.

positivo. Mas é um ponto negativo que ainda trava muito não só o administrativo como também o pedagógico. Se eles não têm conhecimento suficiente para entender aquilo que nós partimos da premissa que já têm, eles não entendem a proposta e não conseguem aplicar a proposta num todo. Talvez aí um ponto negativo que através desse conhecimento adquirido ao longo desses anos tornar a capacitação algo mais viável, mas na altura da compreensão dos professores que estão na ponta e não na altura da compreensão dos professores que estão escrevendo que é um desafio para nós também.

M.C. – Ir a campo e pesquisar...

S.S. – Exatamente e por isso mais uma vez a importância das Universidades e mais uma vez a importância da participação de professores que pesquisam. Pelo menos para mim mudou muito a minha prática de pesquisa como eu já disse. Estar nesse *in loco*. Tem que estar ali para presenciar isso aí, senão não conseguimos entender. E nada muito obstante do que isso é a pesquisa de vocês, por exemplo, para estar registrando tudo isso. Amanhã ou depois, alguém vai ler isso: “Bom, realmente nós temos que voltar para as Universidades. Temos que buscar esse parceiro”. E não só a Universidade ser buscada. A Universidade tem também que buscar esse conhecimento. Isso, para mim, é um ponto importante. Não é a Universidade ficar sentada e falar: “Se eles quiserem, eles vêm aqui e me pegam”. Não! A Universidade tem que ir lá, meter a cara: “Eu quero pesquisar, quero fazer isso aqui”. Tem que pesquisar, ir lá na ponta para que nós possamos ver uma pesquisa real e não uma pesquisa laboratorial aquela que manipula ratinhos e pessoas dentro de um ambiente altamente controlado. Não tenho nada contra essa. Estou falando que não é só essa que faz a Educação Física. A Educação Física é feita da prática, do saco de bola nas costas e vamos para prática e pegar ali para ver o que é.

M.C. – Perspectivas de continuidade desse Programa para os próximos anos?

S.S. – Eu acho isso muito difícil saber que estamos em uma mudança de governo e não sabemos o que vai vir. Eu sou uma pessoa que procuro ser muito mais realista do que otimista para não sofrer. Não que eu não goste de ser otimista [riso], é só para não sofrer.

¹⁷ Controladoria Geral da União. Órgão do Governo Federal responsável à defesa do patrimônio público e ao incremento da transparência da gestão.

Procuo não pensar muito a frente, mas nós temos que planejar. Até a própria ciência é feita disso. O que precisar que seja feito para tal eu vou fazer. Eu espero que continue dessa estrutura vigente de hoje para frente. Com todos esses pontos negativos sendo trabalhados, com todos os pontos positivos sendo reforçados, com toda perspectiva sendo pensada sempre no âmbito pedagógico. E que o pedagógico impere sobre o administrativo dentro da sua realidade, evidentemente. Na realidade não é imperar sobre. É imperar sobre no dia de hoje, porque no dia de hoje o que impera predominantemente é o administrativo. Eu acredito que o ideal seria que os dois trabalhassem juntos. Que os dois pudessem comungar das mesmas parcelas. Aí sim seria algo interessante. E que permanecesse a presença das Universidades. Sem as universidades esse Programa finda, segundo a minha visão, a não ter o êxito o qual está tendo e muito menos alcançar outros pontos que poderia vir alcançar. Eu acho que sim, do que aconteceu de 2003 até hoje, oito anos, é um legado para a Educação Física. Ele ultrapassa a instância de programa social, daquilo que seria dentro da Universidade, a extensão. Ele abarca hoje o tripé da universidade e sendo Universidade e sendo governo eu tenho toda e plena convicção para que seja uma proposta de estado, para que esse Programa seja realmente algo que aspire a formação de um cidadão através do esporte. Então, eu acredito naquilo que eu escrevi [riso] que é pelo esporte, mas através dele é mais importante. Tem sim, que ensinar o esporte, mas fazendo do esporte um caminho educacional, um caminho para a cidadania. Seria esse o meu sonho de continuidade. Que estivesse dentro das Universidades com vocês graduandos, especializando, mestrando e doutorando, todos nós pudéssemos continuar a pesquisar esse tipo de pesquisa *in loco*, ali no meio. Não deixássemos de fazer as pesquisas laboratoriais, as pesquisas fechadas e tudo mais, mas que nós estivéssemos ali para extrair dali conhecimento para voltar para ali mesmo. Esse é o meu anseio para a Educação Física junto com o Programa.

M.C. – Gostaria de te agradecer pela entrevista, professora. Mais uma boa contribuição para o nosso banco de dados. Deixo aberto, se quiser comentar mais alguma coisa?

S.S. – Só dar mais valor ao que vocês estão fazendo. Tem hora que é difícil corresponder a todos os e-mails que chegam solicitando algumas coisas. A professora Silvana¹⁸ nos enviou alguns e-mails, mas nem sempre dá para corresponder a tudo dentro desse conjunto

de coisas que nós fazemos. Não só vocês, mas o trabalho do pessoal da PUC¹⁹ que também participei como amostra [risos], como uma pessoa que possa contribuir com isso. É mais do que nunca devolver ao PST aquilo que o PST também já fez por mim, pela minha profissão, pela minha formação profissional. É só agradecer.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

¹⁸ Silvana Vilodre Goellner. Coordenadora do Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS.

¹⁹ Pontifícia Universidade Católica de Minas. Responsável pela pesquisa de avaliação do Programa Segundo tempo.